



Rogério Tadeu Mesquita Marques\*

## RESUMO

O artigo a seguir tem como intenção fazer um paralelo entre o princípio de sinodalidade proposto pelo Papa Francisco como caminho eclesial e o imperativo pedagógico do filósofo da Escola de Frankfurt Theodor Adorno para que não volte a acontecer o holocausto. Para tanto, se buscará uma síntese entre a Conferência dada pelo filósofo em 1966, em que expôs tal princípio, e os diversos documentos papais desde a instituição do Sínodo dos Bispos pelo papa Paulo VI. O artigo sublinhará os perigos e desafios que Adorno apresentou como germens de barbárie, fruto do modo contemporâneo de ser tanto individual como comunitário, que devem ser evitados nas sociedades contemporâneas, particularmente na Igreja, para caminhar mais plenamente em sinodalidade. O caminho sinodal a partir da síntese com Adorno se faz mais necessário e mais relevante do que aparentemente se percebe, pois transpassa as fronteiras eclesiais, acolhendo uma missão de verdadeira libertação para toda a civilização, sobretudo ocidental, a partir da experiência traumatizante do holocausto.

**Palavras-chave:** Sinodalidade. Papa Francisco. Holocausto. Adorno.

## Synodality and the imperative “that Auschwitz no longer repeats itself”

## ABSTRACT

The following article intends to make a parallel between the principle of synodality proposed by Pope Francis as an ecclesial way and the pedagogical imperative of the philosopher of the School of Frankfurt Theodor Adorno that the holocaust not happen again. In order to do so, it is showed a synthesis between the Conference given by the philosopher in 1966 in which he exposed such principle and the many papal documents from the institution of the Synod of the Bishops by pope Paul VI. It will be put in evidence the dangers and challenges that Adorno presented as seeds of barbarity, consequence of the contemporary way of being, individually as well as socially, so that are prevented in contemporary societies, particularly in the Church to fully walk in synodality. The synodal way, from the synthesis with Adorno, appears to be even more necessary and relevant than it seemed to be at a first glance, as it passes through the ecclesial boundaries, welcoming a mission of true liberation to all civilization, mainly the Western one, starting from the traumatizing experience of the Holocaust.

**Keywords:** Synodality. Pope Francis. Holocaust. Adorno.

\*Doutorando em Filosofia (Ética e Política) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Filosofia pela Universidade Pontifícia de Salamanca. E-mail: rogerio.tadeu@edu.pucrs.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1577-5146>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8573733984982372>.

A sinodalidade e o imperativo “que Auschwitz não mais se repita”

“O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio” (FRANCISCO, 2015).

“A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO in COHN, 1986).

## 1 Introdução

Dentro do universo semântico do caminho, do qual a sinodalidade faz parte como o ato de caminhar juntos, a pedagogia também se encontra. Conduzir, guiar, orientar só tem sentido considerando a existência de um caminho. Assim sendo, mais do que definir ou discorrer sobre a teologia da sinodalidade, este artigo buscará apresentar a relação entre o imperativo pedagógico de Adorno para o pós-holocausto com este novo caminhar da Igreja, a partir da famosa Conferência de Theodor Adorno, em 1966, na rádio Hesse.

O filósofo de Frankfurt começa analisando como o silêncio alemão foi condição para que a barbárie acontecesse, seja em relação ao genocídio armeno pelo Império Turco-otomano no início do século 20, como depois para o holocausto judeu. Se a ausência de fala nestes casos propiciou a barbárie, a sinodalidade é um espaço de diálogo na Igreja, em que a representatividade é essencial, dando não só importância à voz dos pastores, mas também das ovelhas, formando uma verdadeira “cultura do encontro”, como definida pelo Papa Francisco.

Parte desta mentalidade é o reconhecimento da interdependência, do valor de cada cultura e do respeito pela autonomia dos diversos grupos representativos. Rejeita-se, assim, o autoritarismo e a imposição heterônoma, dando abertura à comunhão participativa. O contrário disso seria ceder à cultura do descarte, do individualismo e da divisão. E, conforme reiteradas vezes o mesmo papa afirma “A diversidade é uma riqueza e nunca se deve tornar motivo de exclusão e discriminação” (FRANCISCO, 2021).

Assim todos estão impelidos à conversão, a se unirem neste caminho de unidade, e não simples uniformidade, segundo o princípio de que a Igreja sempre deve ser reformada. Não aceitar esta realidade é simplesmente buscar culpados fora do corpo eclesial, absolutizando sua bondade, num monofisismo eclesiológico, e culpabilizando simplesmente indivíduos ou outras instituições pelos problemas

enfrentados. Quanto mais vozes e quanto maior a diversidade delas, mais fácil de reconhecer os erros e buscar suas emendas.

## 2 Recomendações de Adorno

Se estes princípios antropológicos já expostos são claramente encontrados nos documentos sobre a sinodalidade na Igreja, Adorno os ilustra no horizonte da prevenção a um futuro holocausto com algumas outras recomendações a toda sociedade contemporânea na conferência citada. Nos próximos parágrafos se enumerarão alguns destes, aplicados no contexto da sinodalidade, considerando os perigos e desafios que podem prejudicar este projeto de ser Igreja.

**1 A prevenção:** o princípio educacional proposto é “para que Auschwitz não se repita mais”. Aparentemente isso pode ser visto como uma remediação, já que se considera um fato histórico, representado pelo ícone do campo de concentração de Auschwitz. Mas, na verdade, a proposta é preventiva: “Quando falo da educação depois de Auschwitz o faço em dois âmbitos: em primeiro lugar, educação na infância, sobretudo na primeira; depois ilustração geral chamada a criar um clima espiritual, cultural e social que não permita uma repetição” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). Paralelamente, a sinodalidade não pode ser confundida com o fazer-se “temporário e ocasional” de um sínodo, com o perigo de se reduzir a mero remediar problemas após ocasiões em que já houve vítimas, não só em relação aos aspectos intraeclesiais, mas também com os extraeclesiais, em sua responsabilidade com toda a humanidade, para a qual a Igreja é ordenada na sua fundação. A cada Auschwitz da humanidade, ainda que não perpetrado pela Igreja, ela falha e deve não só fazer um *mea culpa*, mas também um plano para que não se repita, um verdadeiro plano de prevenção.

**2 Individualização na aplicação de diretrizes.** Algo decidido muito afastado da realidade concreta pode redundar exatamente no contrário do intendido, conforme o adágio latino “pequeno erro no início, grande no fim”. Uma instituição é tanto mais humana quanto mais próxima do indivíduo real, tanto para os que a servem como para os que são servidos por ela. Adorno comenta que a bomba atômica surge do mesmo contexto que o holocausto: aplicar soluções práticas e universais sem olhar para o indivíduo em particular. Ainda que, em teoria, a sinodalidade propicie que os membros da Igreja sejam contados em sua individualidade, é extremamente necessário que

este perigo da universalização, ou como em alguns lugares é conhecido de maneira despectiva, romanização, seja levado em consideração perpetuamente, para que o indivíduo nunca seja sacrificado em vista de um falso sentido de salvação da instituição.

**3 Não ter pressa na adaptação dos indivíduos.** “Tortura é a adaptação dirigida e, em certa medida, acelerada dos homens à coletividade” (HORKHEIMER in ADORNO in COHN, 1986, s/p). Os passos seguros não são forçados e, se o caminho de fato é seguido por todos juntos, significa que ninguém é forçado a segui-lo, ao mesmo tempo em que ninguém é deixado para trás, de modo descartável. O contrário deste modo de agir é o autoritarismo, em que a vontade do que governa é imposta sobre as vontades dos governados. A Igreja, não querendo contradizer a fé no Criador que fez a todos livres, deve propor a vontade de Deus aos seus membros com solicitude e paciência.

**4. Promover a identificação com o outro:** “A incapacidade de identificação foi, sem dúvida, a condição psicológica mais importante para que pudesse acontecer algo como Auschwitz entre homens, de certa forma educados e inofensivos” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). A unidade ontológica baseada nas verdades do ser humano como imagem de Deus, do desejo universal de salvação e da pertença de todas as pessoas real ou possivelmente à Igreja, faz com que esta falta de identificação seja minada ao menos em teoria. A verdade é que historicamente cismas, heresias e conversões forçadas fizeram com que nem sempre a doutrina virasse pastoral e vida. Não há sinodalidade em um ambiente de rivalidade, de divisão entre “nós e eles”, mas somente na consciência de ver no outro a si mesmo, numa real e profunda alteridade, numa comunhão de batizados, em que cada um se sente responsável ativamente pelo desenvolvimento integral do outro.

**5 Combater a frieza com o amor:** “Um dos grandes impulsos do cristianismo, impulso que não se identificava de maneira direta com o dogma, foi o de extirpar a frieza que penetra tudo. Mas esta tentativa fracassou, especialmente por ter deixado intacta a ordem social que produz e reproduz a frieza” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). A frieza se combate com o amor, e amar é exatamente tratar a pessoa como tal, e não como um mero meio, objeto. “O amor é algo imediato e está por essência em contradição com as relações mediadas” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). A confiança na Providência de Deus talvez seja uma nota quase escatológica, mais típica dos

inícios do cristianismo que da vivência cristã contemporânea, um tanto inclinada a um ativismo pelagiano. O amor acontece mais no confiar do que no agir a todo custo. A sinodalidade não significa reformar a Igreja com as próprias forças, e sim caminhar inspirado pelo calor do Espírito Santo para ir, ao passo divino, onde Ele quiser levar a Igreja, sem deixar ninguém para trás.

**6 Deixar de lado um ideal rigorista e de indiferença à dor:** “O ideal pedagógico do rigor em que muitos podem crer sem refletir é totalmente falso. A ideia de que a virilidade consiste no mais alto grau de resistência foi durante muito tempo a imagem que escondia um masoquismo que – como demonstrou a psicologia – tão facilmente toca o sadismo” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). O ideal dos mártires não é rigorista, pelo contrário, é do sofrimento injusto, mas levado por amor. É extremamente importante não se fazer indiferente à dor, nem em si e nem no outro, para que não se crie uma sociedade do “fazer e deixar sofrer porque sofri ou porque é normal”. Um caminho de unidade em que não se tem empatia pelo sofrimento alheio e nem respeita os próprios limites não demora muito para se desfazer.

**7 Educar para a objeção de consciência.** Este é um objetivo necessário para que não haja mais “homens que, subordinados como escravos, executem o que lhes mandam, com o que perpetuam sua própria escravidão e perdem sua própria dignidade” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). Aparentemente esta educação não favorece ao princípio de unidade em qualquer instituição, mas seria uma suposta unidade em que, a todo custo, o indivíduo é só um meio para chegar ao fim intencional. Nada mais contrário ao fim mesmo da Igreja: usar das pessoas como meios, ou seja, contrários à vontade de Deus que os criou como sujeitos, ou seja, fins em si mesmos. Portanto valorizar a verdadeira autonomia do indivíduo, ao mesmo tempo em que se informam as consciências de acordo com princípios verdadeiramente cristãos, faz parte do cumprir a missão da Igreja cristãmente.

**8 Não fazer proselitismo:** não criar uma sociedade que se funde no egoísmo, na frieza e na indiferença. Adorno reconhece que “A sociedade em sua atual estrutura – e sem dúvida desde há muitos milênios – não se funda, como tinha afirmado ideologicamente Aristóteles, na atração, mas na perseguição do próprio interesse em detrimento dos interesses dos demais” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). Bento XVI recordava aos bispos latino-americanos que

[...] a Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por atração, como Cristo atrai todos a si com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor” (BENTO XVI, 2007, s/p).

A atração moderna pelo pragmatismo e por um profissionalismo exacerbado pode fazer com que a Igreja pareça mais uma multinacional do que uma comunidade de fé e de fraternidade, baseada em uma lógica que não é material. Os diversos atores internacionais, ao tratarem a Igreja a partir de suas próprias categorias podem, inclusive, forçar outra lógica, correndo o risco da perda da sua essência e da consciência de si. Historicamente a união entre Estado e Igreja propiciou também isso, a tal ponto de ocorrerem guerras de religião que dividiram o velho continente. É quase um lembrar de Adorno que toda sociedade humana deve ter uma vocação aberta à humanidade, que não está em contínua competição e sim no mesmo projeto de fraternidade universal, bem parecido com a reflexão do Papa Francisco na sua encíclica *Fratelli Tutti*.

**9 Não fazer da coletividade uma arca de salvação.** Num ambiente messiânico facilmente brota o narcisismo e a vaidade, não permitindo nenhum sentimento de culpa para com o que é feito com os que são alheios à comunidade. Nada mais contrário ao sentido de Igreja orientada à universalidade, em seu chamado e em sua composição. O assentimento da fé, vínculo que une a todos os cristãos, não é um “interesse egoísta, um defender o proveito próprio mais do que tudo e, para não correr riscos, fechar a boca” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). É exatamente o contrário, um compromisso da própria vida com a vida do outro, tal como o Cristo que veio para a plena vida de todos.

**10 Não confiar demais na institucionalização.** A burocracia e confiança exacerbada nas instituições podem servir à barbárie. É impossível que haja uma instituição perfeita, e idealizá-la é ceder ao determinismo de que em perfeitas condições os indivíduos serão também perfeitos. “Eu defendo que o mais importante para evitar o perigo de uma repetição de Auschwitz é combater a cega supremacia de todas as formas do coletivo, fortalecer a resistência contra elas, evidenciando o problema da massificação” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). A história testemunha que circunstâncias iguais geraram respostas individuais bem diferentes, e até contrárias. É certo que para uma grande instituição cumprir ordenadamente seu fim se fazem



necessárias mediações, de algum modo, burocracias. Mas algo muito diferente é o que Adorno ataca: a massificação e a absolutização do coletivo, de tal maneira que o indivíduo desaparece por detrás de números e documentos. Reconhecer que o perigo desta apatia institucional pode servir à barbárie já faz com que se pense em remediações para este reducionismo que trai profundamente a própria natureza da Igreja.

**11 Não absolutizar os meios.** O grande perigo é que os fins fiquem ocultos e expulsos das consciências, fazendo das pessoas frias e incapazes de amar. Se de fato o fim da Igreja e de todas as suas obras é a salvação das almas, ou seja, o maior bem das pessoas, nenhum meio a este fim deve ser absolutizado, com o perigo de, esquecendo-se do fim, apegar-se demasiadamente aos meios. Adorno aqui relaciona os meios à técnica: “A pessoa inclinada à fetichização da técnica está representada pelos que, dito simplesmente, são incapazes de amar” (ADORNO in COHN, 1986, s/p). E em outra parte diz:

Os homens tendem a tomar a técnica pela coisa mesma, a considerá-la como um fim autônomo, uma força com ser próprio, e, por isso, a esquecer que ela é prolongação do braço humano. Os meios – e a técnica é um conjunto de meios para a autoconservação da espécie humana – são fetichizados porque os fins – uma vida humana digna – foram ocultados e expulsos da consciência dos homens” (ADORNO in COHN, 1986, s/p).

Se a sinodalidade tem como uma de suas condições mostrar que a Igreja não se restringe a quem detém a autoridade, ou seja, o magistério hierárquico, também é importante que reafirme que a Igreja vai muito além de seus meios, métodos e técnicas.

**12 Combater o nacionalismo:** Segundo Adorno (1986, s/p):

O clima que mais favorece a repetição de Auschwitz é o ressurgimento do nacionalismo. Este é tão mau, porque em uma época de comunicação internacional e de bloqueios supranacionais já não se pode crer em si mesmo tão facilmente e deve hipertrofiar-se até a desmesura para convencer-se e convencer aos demais de que ainda continuam sendo substanciais. (...) Os chamados movimentos de renovação nacional (...) se mostram especialmente inclinados às práticas sádicas.

A Igreja, sendo una, é católica, ou seja, múltipla, universal, internacional, ou melhor, supranacional. E é de suma importância que, valorizando as características

de cada povo e cultura como uma riqueza para todo o corpo eclesial e para a humanidade, não se caia em uma espécie de nacionalismo. A unidade não é uniformidade, mas tampouco é uma aglomeração sem um princípio de unidade vital interno, que para a Igreja é o Espírito Santo. Manter esta harmonia tanto para o corpo como para os membros é um valor a ser preservado acima da particularidade de cada um. O carisma do Magistério hierárquico é visivelmente importante, não só como primeiro entre pares, mas também como sinal de unidade visível. Assim o corpo caminha junto, ainda que certos membros estejam aptos para uma maior rapidez. O caminho como corpo vale mais, ainda que caminhe mais lentamente, do que como membro separado do todo.

### 3 Considerações Finais

Paralelo às armadilhas expostas no *Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade* se procurou expor os princípios da Conferência de Theodor Adorno em que o autor apresentou pela primeira vez o que se conheceu posteriormente como imperativo adorniano: “para que Auschwitz não mais se repita”. Mais do que um imperativo político ou social, a intenção era que fosse pedagógico, a fim de que não mais acontecesse que homens bons fossem usados para fins da barbárie.

O filósofo, ao partilhar suas ideias, não tinha a sociedade eclesial como meta, mas muito mais a sociedade civil contemporânea em geral, sobretudo a ocidental que, com sua racionalidade e civilidade, ainda possui gérmenes de genocídio. Entretanto, a ideia deste artigo é relacionar a pedagogia do Papa Francisco, que propõe à Igreja trilhar o caminho da sinodalidade como um modo de aplicação, ainda que não propositalmente, com o imperativo adorniano.

Não foi uma busca de reformas estruturais da Igreja, como um messianismo materialista (talvez esperado por parte do materialismo dos pertencentes à Escola de Frankfurt, como Adorno), o que soaria mais a um nestorianismo eclesiológico. Pelo contrário, todo o exposto aqui visou sublinhar a responsabilidade eclesial de, formando psicologias através da sinodalidade, encaminhar os membros da Igreja e os de fora dela para que Auschwitz não se repita mais, educando para uma verdadeira fraternidade universal.



## Referências

ADORNO, T. W. *Erziehung nach Auschwitz*. Tradução de Aldo Onesti. In: COHN, Gabriel (Org.). **Grandes Cientistas Sociais: Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.

BENTO XVI, **Homilia na Missa de Inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**, 13 de maio de 2007. In: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070513\\_conference-brazil.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html). Acesso em: 3.out.2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. **Discurso à Delegação da Associação “Fé e Luz”**, 2 de outubro de 2021. In: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/o-papa-a-diversidade-riqueza-nunca-se-deve-tornar-motivo.html>. Acesso em: 3.out.2021.

FRANCISCO. **Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos**, 17 de outubro de 2015. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html). Acesso em: 3.out.2021.

FRANCISCO. ***Episcopalis Communio***. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. ***Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PAULO VI. ***Apostolica Sollicitudo***. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965.

SÍNODO DOS BISPOS. **Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade**. In: <https://www.synod.va/content/dam/synod/document/common/vademecum/Vademecum-PT-FULL.pdf>. Acesso em: 3.out.2021.

Recebido em: 13.11.2021.  
Aprovado em: 28.12.2021.

Received: 13.11.2021.  
Approved: 28.12.2021.